

## Canto, vivo

José Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

Sobre o devir do *Cante* alentejano ao longo do século passado, quase tudo terá sido dito e por vezes com justeza e talento, como o fez Margarida Morgado na apresentação do precedente CD dos "Cantares de Évora", "*Memórias*".

A relação orgânica que teve o *Cante* com a sociedade rural alentejana, com o ritmo sazonal e as formas de organização dos trabalhos do campo, tem sido sobrejamente sublinhada. Do carácter colectivo dos trabalhos, dos homens e das mulheres que por esses campos, em grupos por vezes muito numerosos, surge, ao que se pensa, o hábito de cantar em comum.

Das mondas às ceifas e destas às debulhas, da pastagem nos alqueives às lavouras, a profunda ligação dos temas e das formas de cantar características do *Cante* com a sociedade rural alentejana, com os seus ritmos e práticas, não suscita dúvidas.

Dessa constatação resulta, razoavelmente, que as perspectivas de sobrevivência dessas formas culturais tenham sido, para muitos observadores, bastante sombrias: com o desaparecimento da sociedade rural que o produziu, também o Cante, que dela fazia parte, pareceria condenado à extinção.

Outro aspecto das práticas do *Cante*, muito menos realçado pelos estudiosos, que deveria ter contribuído para tornar improvável a sua perpetuação para além da extinção da antiga sociedade rural, é o facto que este cantar não terá pertencido de modo algo indistinto, global, a uma sociedade camponesa, mas sim a um estrato singular, de uma sociedade rural profundamente original.

No *Cante*, não é uma sociedade que canta, são os trabalhadores rurais, os membros mais pobres e mais oprimidos, os mais expostos à insegurança e à pobreza, porque os trabalhos dos campos no regime do latifúndio tendem a oscilar entre a exigência de abundante mão-de-obra que atrai os imigrantes de além Tejo para mondas, ceifas e debulhas, e o desemprego crónico dos que por aqui ficam. A fome, no Alentejo, não foi durante essas numerosas décadas, talvez séculos, apenas um espectro no horizonte, mas sim uma terrível companheira do dia-a-dia destas gentes. O *Cante*, nestas terras, não é o canto de uma sociedade camponesa, que por aqui podemos sem dúvida dizer que quase não existiu. Minhos e Beiras, esses sim, viram no habitat disperso e denso de casais, aldeias e vilas, na pequena propriedade, na variedade dos grupos de proprietários, rendeiros, na pequena policultura que tende a ocupar os braços disponíveis o ano inteiro, a criação e a persistência milenar de *sociedades camponesas* no sentido próprio do termo.

---

<sup>1</sup> Academia Militar, Lisboa e Cidehus-Univ.Évora. Texto de apresentação publicado no livro de acompanhamento do CD "*Memórias II*", do Grupo Coral "Cantares de Évora".

Aquém Tejo, quem vive, canta e morre são aqueles homens “descalços, mal vestidos, cobertos de pó” que Joaquim Soares evoca, por vê-los passar, nos seus tempos de menino em Beja, “escortados pelas patrulhas da GNR”, por algum protesto, alguma palavra de queixa que teriam deixado escapar, levados entre espingardas sabe-se lá para onde e para sofrer o quê.

Canto de uma sociedade extinta e mais ainda canto de um grupo desfavorecido, no extremo mais baixo da escala social, não devia o *Cante* extinguir-se com a mudança que, em pouco mais de meio século, esvaziou os campos e as aldeias?

Existe pois um aparente mistério na sobrevivência do *Cante*, facto que surge, com evidência, como do maior interesse para a compreensão das dinâmicas das culturas populares.

Não que o *Cante* seja, deste ponto de vista, um caso único. Pelo contrário, a similitude com o destino que conheceu outra forma cultural criada e praticada por grupos sociais particularmente oprimidos em sociedades rurais de latifúndio, poderá deitar alguma luz sobre este destino. Pensemos no que foi o caminho do *Blues*, canto de escravos ou de trabalhadores negros de estatuto quase servil, apoiado em técnicas vocais e instrumentais aparentemente rudimentares, que do terrível Sul profundo “emigra” para as cidades dos Estados americanos do Norte, Nova Iorque, Detroit, Chicago... Levado por homens e mulheres entre os mais pobres, o *Blues* terá sido, porventura, quase a única bagagem de que dispunham essas pessoas, em busca de uma vida menos oprimida. Preciosa bagagem, pois dos campos do Sul rural o *Blues* invade as cidades, viaja de costa a costa, transforma-se em matriz essencial do *Jazz*, atravessa o Atlântico, impõe-se ora abertamente ora incógnito, nas músicas eruditas, nas canções populares...

Em condições de opressão extrema, o *Cante*, criado nestes campos aquém Tejo pelos mais pobres, era a mais digna, a mais comovente maneira de afirmar a dignidade inalienável, a humanidade até, daqueles cuja condição tendia a permitir que fossem tratados como menos que humanos: “*Canto, vivo!*” Cantando como canto, provo que a vida também me pertence.

Levado, também ele, para outras terras, para além do Tejo e para além de mares e continentes, o *Cante* conserva a sua força atractiva, perpetua-se, difunde-se fora do seu círculo restrito de origem, afirma-se como forma cultural e matriz de outras músicas.

Esse processo improvável teve e tem uma base que nem por ser modesta deixa de ser essencial na explicação da extraordinária sobrevivência desta forma de canto. Esta base reside nos grupos locais que, transformando o que certamente era reunião informal na taberna, na praça, nas ruas das aldeias, nos campos, em grupos mais ou menos estáveis, cultivaram deliberadamente o que terá sem dúvida sido, muitas vezes, improvisado e criações efémeras, dependentes para a sua transmissão exclusivamente oral das memórias individuais, em património colectivo com assento e registo. E nem a tentativa

de instrumentalização política pelo regime salazarista através do processo de “folclorização” conseguiu adulterar o núcleo essencial destes cantares: a forma e força emocional.

Mas não teria bastado que alguns grupos mantivessem a prática, se o *Cante* não conseguisse demonstrar a sua capacidade expressiva para além dos contextos sociais de origem. Em nosso entender, o elemento decisivo na capacidade do *Cante* para se impor enquanto forma de expressão em parte independente das condições da sua criação e da sua prática tradicionais, elemento raramente percebido (se é que o foi), é a riqueza das temáticas que exprime e entre estas, *o carácter universal de numerosos temas*.

Muito se falou da relação com os trabalhos dos campos, mondas, ceifas, lavouras, dela deduzindo uma ligação restritiva do *Cante* com preocupações de outros tempos.

Menos se tem aceitado constatar como os grandes temas que exprimem a condição humana ontem, hoje e sempre, aqui e por toda a parte onde seres humanos vivem, o amor, a morte, a nostalgia, o desejo, a emoção perante a beleza do mundo, a angústia perante a incerteza do futuro e a esperança de viver, como esses grandes temas encontram, no *Cante*, uma expressão cuja profundidade, cuja subtil delicadeza sob a aparência singela, fazem destas canções pequenas obras-primas de lírica popular. E não só popular, nem regional. Universal.

A alegria e a brincadeira, a ligeireza, que não estão ausentes, são, no *Cante* alentejano como em todas as músicas populares, muito menos universais, muito menos aptas à meditação sobre a condição humana, ao destino de cada um de nós. Não há canto verdadeiramente universal que não assente, no que de mais essencial exprime, numa certa nostalgia. Uma atitude de moderação da acção, de reflexão sobre si próprio, que tanto motiva o indivíduo que compõe, como o grupo que adopta a quadra, o canto.

Este é um “segredo” cuja solução não se encontra em algum suposto “carácter colectivo”, “espírito dos povos” que faria dos Alentejanos um caso à parte e do *Cante* uma forma com alcance restrito. A atitude contemplativa, uma certa nostalgia, são as atitudes que exige a expressão de pensamentos e emoções quanto à estranheza, à beleza, à tragédia da condição humana. Donde, para tratar tais temas, a coerência da forma nostálgica, ornada e lenta, majestosa.

Porque os Alentejanos mais oprimidos souberam impor a dignidade da sua condição de Homens e Mulheres livres nos seus corações e souberam transmitir a outros e para mais longe que eles próprios essa força, e tanto é o que lhes devemos, ***o Cante vive***.

José Rodrigues dos Santos.

Évora 2 de Novembro de 2007.